

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO

UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO DO PARQUE
LAGOA SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO FILHO, MANAUS/AM

MANAUS

2018

Ficha Catalográfica

SOUSA, Gabriel-Rá Félix

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO DO
PARQUE LAGOA SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO FILHO, MANAUS/AM**

Folhas,66 .Ilustrado

Orientador (a): Dra. Selma Paula Maciel Batista.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Graduação em Turismo.

1. Introdução. 2. Fundamentação teórica – Espaço Turístico Natural. 3. Espaço Turístico Urbano. 4. As Áreas verdes urbanas. 5. Demanda. 6. Topofilia. 7. Amostragem. 8. Resultados. Considerações Finais. 9. Procedimentos Metodológicos. Referencias.

TCC.

GABRIEL-RÁ FÉLIX SOUSA

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO DO PARQUE
LAGOA SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO FILHO, MANAUS/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de título de bacharel em Turismo pela
Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade
do Estado do Amazonas.

Orientação:
Profª Dra. Selma Paula Maciel Batista

MANAUS
2018

GABRIEL-RÁ FÉLIX SOUSA

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO DO PARQUE
LAGOA SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO FILHO, MANAUS/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Turismo, junto à Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____

Professor Examinador: Prof. Dra. Selma Paula Maciel Batista

Assinatura: _____

Professor Examinador: Prof. Msc. Marcia Raquel Cavalcante Guimarães

Assinatura: _____

Professor Examinador: Prof. Esp. Maria Helena de Souza Fonseca

Parecer: _____

Manaus, _____ de _____, 2018

RESUMO

O presente trabalho pretende trazer a discussão sobre as formas de utilização do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho enquanto área verde, no contexto urbano, buscando investigar a percepção do usuário em relação ao parque. Deste modo, o objetivo geral é definir as formas de uso do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, a partir da percepção da demanda, em relação à função social atribuída aos parques urbanos que, segundo Boullón (2002), podem se classificar como logradouros, de relevância no contexto do espaço turístico urbano. Quanto à metodologia se caracteriza como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. Durante a investigação, realizaram-se pesquisas em fontes secundárias, em livros, documentos, monografias, relatórios técnicos, entre outros; e, fontes primárias, com o trabalho de campo, realizadas nos meses de maio de junho de 2018. Quanto aos resultados indicam o perfil do usuário e as formas de uso e expectativas em relação ao parque. Nas considerações finais apontam a partir dos dados coletados e o objetivo geral, a concepção das formas de uso segundo o ponto de vista dos usuários do parque.

Palavras-chave: Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho; espaço turístico urbano; percepção do usuário.

ABSTRACT

The present work intends to bring a discussion about how use of the Park Lagoa Senator Arthur Virgílio Filho while it fits in the urban context, seeking to investigate the perception of the user in relation to the park. Thus, the general objective is to define as forms of use of the Park Lagoa Senator Arthur Virgílio Filho, according to Boullón (2002), can be classified as sites, relevant in the context of the meted space. urban. On the methodology segregate as an exploratory research of qualitative approach. During the investigation, research was carried out on media, in books, documents, monographs, technicians of technical services, among others; and primary sources, with the field work, with the user number of the month of May 2018. regarding the user's results and the ways of use and expectations regarding the park. The following are areas that are the data of the resources and the general resources, the design of the use of the data of users of the park.

Keywords: Park Lagoa Senator Arthur Virgílio Filho; urban tourist space; perception of the user.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Grau de satisfação	53
------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos usuários identificados na pesquisa	42
Gráfico 2: Escolaridade	43
Gráfico 3: Profissões	44
Gráfico 4: Local de Moradia	45
Gráfico 5: Principais meios utilizados para chegar ao parque.....	45
Gráfico 6: Com quem visitam o parque?	46
Gráfico 7: Renda familiar Média	47
Gráfico 8: Usuários assíduos	48
Gráfico 9: Há algo que poderia tornar essa área mais atrativa?	49
Gráfico 10: O que mais te desagrada no Parque?	50
Gráfico 11: Você gostaria de ver o parque utilizado para outras atividades, quais? .	51
Gráfico 12: A presença de outros grupos influi sobre você?	52

LISTA DE FÍGURAS

Figura 1: Poligonal do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Vilho	27
Figura 2: Limites do bairro do Japiim	29
Figura 3: Limite da área do Parque 2007 antes de sua criação	30
Figura 4: Parque Lagoa do Japiim em 2008, ano de criação	31
Figura 5: Parque Lagoa do Japiim em 2010.....	31
Figura 6: Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio filho em 2015	32
Figura 7: Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio filho em 2018	32
Figura 8: Cálculo Amostral	40
Figura 9: Fauna da Lagoa	64
Figura 10: Visão da Lagoa	64
Figura 11: Água da Lagoa corroendo o infraestrutura do parque.....	65
Figura 12: Borda que limita a área da lagoa	65
Figura 13: Lixo na área do estacionamento	66
Figura 14: Centro de Referência em Assistência Social (Cras).....	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1. O Espaço Turístico Natural.....	14
2.1.1. O conceito de paisagem	15
2.1.2. A descrição da paisagem.....	18
2.2. Espaço Turístico Urbano.....	20
2.3 O turista como observador.....	24
3. O Parque Lagoa Senado Arthur Virgílio Filho	26
3.1 Características do ambiente natural.....	26
3.2. Características do ambiente urbano	27
3.3. Histórico do Parque.....	28
4. As áreas verdes urbanas.....	34
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
6.1 Perfil da Demanda	42
6.2 Formas de Uso e Expectativas em relação ao parque.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	59
APÊNDICE B - Questionário	60
Apêndice C – Fotos da infraestrutura do Parque	64

1 INTRODUÇÃO

A interação do homem com a natureza é fundamental nas sociedades, e compreender essa relação faz-se cada vez mais necessária para evitar a visão equivocada da real importância que o ambiente natural possui tanto como espaço de perpetuação da vida como também de fonte de recursos.

Tomando como referência o Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, busca-se definir as formas de uso desta área verde da cidade, a partir da percepção da demanda.

Buscando a correlação do ponto de vista dos usuários do parque, e as funções descritas no decreto de criação da Área de Proteção Ambiental por meio de pesquisa e entrevistas. Entender a relação de uso entre o parque e todos os que o utilizam para compreender sua real função enquanto espaço público urbano da cidade de Manaus.

Compreendendo o parque como é no momento atual para poder encontrar sua real utilidade dentro do que foi proposto no seu plano de criação, essa relação será apresentada pelo espaço público que ainda dentro do limites da cidade envolve resquícios da vegetação e fauna nativa amazônica, o que possibilita ainda dentro do ambiente urbano, uma perspectiva das áreas verdes.

A partir disso, será apresentado o seu contexto histórico e buscará se contextualizar a importância “sentimental” que deveria existir entre usuários em relação ao parque urbano.

A fim de definir, qual a importância do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho como uma área verde no contexto urbano, segundo o perfil e a percepção do usuário?

Quanto à metodologia se caracteriza como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. Durante a investigação, realizaram-se pesquisas em fontes secundárias, em livros, documentos, monografias, relatórios técnicos, entre outros; e, fontes primárias, com o trabalho de campo, realizadas nos meses de maio de junho de 2018

Como objetivo geral, definiu-se verificar se o parque, de fácil acesso em ambiente urbano, influencia a demanda menos pela importância enquanto área

verde, mas, sim, pela infraestrutura para práticas esportivas. E específicos: i) Caracterizar o Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho enquanto área verde, no contexto urbano; ii) Definir as formas de uso do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, a partir da percepção da demanda; iii) Avaliar a opinião dos usuários, sobre a função social de um Parque.

O turismo é uma atividade que para acontecer, se utiliza tanto do patrimônio cultural e natural, assim como do patrimônio público, representado pelo conjunto de bens, direitos e valores. E a partir da valorização destes bens em uma localidade, gera impactos em primeira mão para a sociedade e em seguida para o turista.

Por isso, neste estudo, se enfatiza a necessária preocupação com o patrimônio, sobretudo as áreas verdes urbanas, por vezes, impactadas pelo crescimento das cidades.

Resultado da dinâmica do urbano que exige no planejamento a inclusão do conceito de desenvolvimento sustentável com participação da população no processo de gestão. Ferramenta fundamental para o crescimento com desenvolvimento, onde os usuários ao tempo em que se beneficiam do bem público o conservam.

Quando esta relação entre o crescimento da cidade não vem associada ao desenvolvimento socioambiental, há degradação dos espaços públicos e a cidade não cumpre sua função social, enquanto espaço de lazer.

O Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, desde sua criação no ano dia 27 de dezembro de 2008, tem sido utilizado pela população de Manaus que encontra naquele ambiente uma oportunidade de interação com o meio natural em ambiente urbano.

No entanto, com base no Relatório Diagnóstico do Parque, realizado no ano de 2016¹, que participei na elaboração, pode-se constatar que o ambiente natural da área verde, encontrava-se altamente impactado pela falta de tratamento da lagoa e manutenção da fauna e flora local. Cenário que nos levou a elaborar como hipótese que o espaço apesar da beleza cênica e fácil acesso, não é valorizado pelos seus atributos naturais enquanto área verde, mas, sim, pela infraestrutura para práticas esportivas.

¹ Relatório, realizado por alunos das disciplinas de Projetos Turísticos e Planejamento Urbanístico, sob coordenação da professora Dra. Selma Batista.

Com este estudo monográfico, espera-se contribuir com a academia ao correlacionar os conteúdos teóricos à fundamentação e discussão conceitual. Deste modo ampliando a produção acadêmica sobre o tema e apresentando ao final com o resultado desta investigação contribuições que possam ser valorizadas pelo órgão gestor, para que o Parque cumpra com sua função social, enquanto área verde urbana.

O texto, quanto à estrutura, se divide em fundamentação teórica, com base em Boullón (2002), com a Teoria do Espaço Turístico Natural e Espaço Turístico Urbano; em Tuan (2012) aborda-se a importância dos laços afetivos do homem como o ambiente; em Fachini (2008) com a definição de áreas verdes e Braga (2007), com o conceito de demanda. Em seguida se apresenta os procedimentos metodológicos e os resultados da pesquisa, concluindo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreender o parque enquanto espaço urbano de uso público deve-se entender suas características naturais e urbanas. Desta forma, propõe-se uma visão sobre esses aspectos por meio da obra “Planejamento do espaço turístico” de Roberto C. Boullón, publicada no ano de 2002.

2.1. O Espaço Turístico Natural

Segundo relata Roberto C. Boullón, o homem interage com dois mundos, um natural e um modificado.

[...] o mundo natural das plantas e dos animais, dos solos, do ar e das águas, que o precedeu em bilhões de anos e do qual faz parte. O outro é o mundo das instituições sociais e dos artefatos que constrói para si mesmo com suas ferramentas e máquinas, sua ciência e seus sonhos, para alcançar um meio obediente aos propósitos ou direções humanos (WARD e DUBOS, 1972. p. 31 apud BOULLÓN, 2002, p. 111).

Desta forma, o meio natural pode ser entendido como a soma de elementos que vivem em harmonia. Esses podem ser de ordem orgânica ou inorgânica. As relações resultam em um câmbio motivado por razões de equilíbrio e dinamismo.

Nesse recorte, há o entendimento de que o ambiente natural dentro da sua complexidade apresenta diversos elementos singulares, esses caracteres deveriam estar em harmonia. Assim, destaca o autor:

O ambiente natural é um sistema único e complexo, formado por muitos componentes orgânicos e inorgânicos, que se influenciam reciprocamente e se mantêm em equilíbrio dinâmico, porque todas as partes estão em contínua evolução. (BOULLÓN, 2002, p.114).

Em seguida, o autor retrata as formas de paisagem, nas suas diversas formas, com intuito compreender o ambiente. A partir disso, ele contrapõe formas de categorizar a paisagem de Petroni e Kenigsberg (s.d apud BOULLÓN, 2002, p.118) descritas, como:

- **Paisagem Natural:** conjunto de caracteres físicos visíveis de um lugar que ainda não foi modificado pelo homem.

- **Paisagem cultural:** paisagem modificada pela presença do homem (lavouras, diques, cidades, etc.).
- **Paisagem urbana:** conjunto de elementos plásticos naturais e urbanos que compõe a cidade (colinas, rios, edifícios, praças, ruas , árvores, focos.

Boullón (2002) opta por uma classificação mais abrangente da paisagem, dividindo-a em: **natural** virgem ou cultural, elas representam respectivamente, uma local sem alteração do homem, e a outra representa um local com parcial alteração do homem para garantir benefício próprio. Na concepção de Petroni e Kenigsberg (1990) eles não compreendem paisagem cultural como uma forma de paisagem natural, mas apenas, como uma área modificada pelo homem.

Além disso, para Boullón a **paisagem urbana** também pode ser um tipo de **paisagem cultural**, quesito que ambos concordam. Desta forma, o sujeito vetor de modificação ou preservação do ambiente é o homem. Assim, destaca o autor:

[...] Sem o homem, a paisagem desaparece; mais isso não quer dizer que a paisagem se esfume e se recomponha magicamente com a ausência ou a presença do homem; naturalmente, quando este se retira, ali permanece o ambiente natural e a cidade. O que queremos dizer é que a paisagem se vai com o observador porque não passa de uma idéia da realidade que este elabora quando interpreta esteticamente o que está vendo. (BOULLÓN, 2002, p.119).

2.1.1. O conceito de paisagem

Para compreender melhor a utilização do termo paisagem, é necessário conhecer sua composição, a qualificação dos elementos que estão diretamente relacionados à estética, divididos em:

- Crosta Terrestre, o ambiente tangível, que é composta por: Terra (montanhas, mesetas, desertos e entre outros), Água (Oceanos, mares, rios, lagos, etc.).
- Clima, uma variável do momento, que é composto por: Temperatura, ventos, chuvas e umidade.
- Organismos vivos, aqueles que estão presentes e são responsáveis pelas mudanças no ambiente de forma direta, são divididos em: O homem, os

animais (selvagens, semi-selvagens e domésticos), vegetais (árvores, arbustos, plantas e pastos).

Essa concepção ainda traz consigo a visão tradicional de paisagem que vem associado ao espaço natural. Como destaca o autor a partir das palavras de González Bernáldez:

[...] O exame da bibliografia proporciona mais ou menos dois grupo de acepções: a) a imagem (seja ela pintada, fotografada, ou percebida pelo olho) de um território, e b) a acepção culta da paisagem geográfica, correspondente ao conjunto de elementos de um território ligado por relações de interdependência. (GONZÁLEZ F. Bernáldez, 1981 apud BOULLÓN C. Roberto, 2002, p.117).

Após, conceituar à paisagem, o autor as explica, abordando os tipos de componentes que estão intrínsecos nela: os heterogêneos e os homogêneos. O autor as define da seguinte forma:

Homogêneos: As paisagens homogêneas são as que, como as planícies ou o mar, estão integrados por muito poucos elementos e apresentam a vantagem de que sua leitura é simples, mas também o duplo inconveniente de que é muito difícil diferenciá-las e reconhecê-las e que, por monotonia, fazem com que o turista comum que permanece longo tempo acabe por se entediar. (BOULLÓN, 2002, p.130).

Heterogêneos: Por sua vez, as paisagens heterogêneas são formadas por uma grande quantidade de elementos, o que, embora consiga prender a atenção do observador, dificulta sua interpretação e memorização. (BOULLÓN, 2002, p.130).

Do mesmo modo, esta classificação da paisagem ajuda a compreendê-la, por suas especificidades e diferenças. Conforme destaca o autor, “não há uma paisagem igual à outra, como não são iguais as faces dos homens; mas se procuramos suas semelhanças, será possível estabelecer os tipos e subtipos” (BOULLÓN, 2002, p.131).

Explica o autor, que observar e entender a paisagem na sua integra é algo complicado para o homem moderno que está adaptado ao ambiente artificial das cidades. Diferente do homem do campo que tem poucos elementos para observar. Isso ocorre pelo fato do cérebro se acostumar a ver padrões urbanos e ao deparar-

se com a paisagem natural, não consegue interpretá-la de forma efetiva. Boullón (2002, p.128) destaca que:

Ao comparar o léxico do homem da cidade com o do homem do campo, vemos que este o enriqueceu com uma grande quantidade de modismos para dominar os estados do tempo e os fenômenos da natureza que não contam na vida urbana.

De certa forma, compreender a subjetividade de cada indivíduo e a maneira que define dos objetos da paisagem, é algo difícil de generalizar, pois depende do conjunto de vivências de cada um. O turismo como um importante vetor, que é, por consequência de sua massificação, deu a oportunidade à experimentação de diversas culturas, para muitos, demonstrando-se um importante fator de desenvolvimentos cultural dos povos. O autor fala que:

[...] De fato, graças ao turismo, e devido sua massificação, incorporou-se á agitação cultural uma grande quantidade de pessoas que não tiveram a oportunidade de conseguir educação consistente e, por diversos motivos, viveram alheias ás manifestações culturais e estéticas, mas que agora, mediante suas viagens, conhecem e desfrutam. (BOULLÓN, 2002, p.122).

Tendo o turismo como um importante atribuidor de qualidade ao ambiente, mesmo com a frustração causada por publicidade indevida, alerta que os técnicos de turismo entendem que o quê pressupõe a atividade turística é o homem, e somente esse pode julgar um atrativo. Daí a necessidade por pesquisas de tendências, serem ainda a melhor maneira de indicar os padrões de preferências. Conforme afirma Boullón (2002, p.123), [...] “como os juízos sobre a beleza de atrativo natural estão isentos de toda influência da publicidade, e também de toda orientação, eles ficam sujeitos apenas à capacidade perceptiva de cada turista”.

Para melhor observação da paisagem, Boullón (2002, p.124-126), propõe uma análise a partir dos seguintes elementos:

- **Topografia:** é conhecida como as diferentes formas que a crosta terrestre possui. (ex: montanhas e planícies).
- **Vegetação:** é um tipo de roupagem da topografia, de certa forma, ela abrange longos espaços e quase que fundamental se apresenta como

elemento principal de bosques, de áreas cultivadas e uma zona de flores silvestres.

- **Clima:** é o elemento imprevisível, porém necessário, e o que o mantém essencial é o aspecto casualidade que pode ser favorável ou não a estética do ambiente. Dentro os exemplos mais comuns estão à chuva e a neblina. Não é correto apenas julgá-lo por sua imprevisibilidade, contudo por sua importância de obter melhores e mais adequados momentos para a visita.
- **Habitat:** Indica as condições para as seres vivos que são únicos e seu efeito sobre a natureza.

A compreensão desses elementos facilita à visualização e entendimento, além disso, intrínsecos a paisagem, apesar de muitas vezes não entrarem na análise do observador, Boullón (2002, p.126) destaca:

[...] O conhecimento do habitat é necessário porque, graças a ele, a informação se enriquecerá e mostrará, por um lado, as formas de vida de cada lugar e seu efeito sobre a natureza, e por outro, condições ecológicas requeridas pelas espécies selvagens e plantas autóctones para sua existência.

2.1.2. A descrição da paisagem

Por mais difícil que seja decifrar a paisagem, ainda assim, tendo uma boa base, uma informação adequada, para buscar os elementos principais chegando a uma resposta plausível. Há também outros fatores, além dos citados, se podem utilizar, Boullón (2002, p.133) coloca mais três possibilidades de observação, elas são:

- Estrutura
- Forma nítida
- Diferenciação

A estrutura é entendida como a forma que esta agrupada cada parte, o que acaba dando ênfase ao item principal, sendo o relevo o responsável como fator

modificador, podendo ser visto por dois subtipos o mesorrelevo e o microrrelevo, o autor, os define:

Em função das formas do mesorrelevo, [...] se identificaram os três primeiros tipos de paisagem (montanhosa plana e ondulada). Estas tipologias são as que melhor se apreciam nos campos visuais abertos e de longa distância (micropaisagem). Ao contrário o microrrelevo é de grande importância nos campos visuais de curta distância, que se têm quando se entra em uma paisagem fechada (um bosque, um pequeno desfiladeiro etc.) ou se penetra em uma macropaisagem para efetuar um percurso pela mesma (BOULLÓN, 2002, p. 135).

Já, as formas nítidas formas possuem a função de buscar pelo destaque, e possibilitam observações que se adéquam a diferentes pontos de vista, Boullón (2002, p. 135) explica “uma forma nítida pode ser constituída por coisas tão diferentes entres si como o cone de um vulcão, um lago ou uma flor”.

A diferenciação assume um papel diverso das outras formas, pois requisita a relação entre ambiente e observador, algo subjetivo, de modo que a interpretação é diferencial para cada indivíduo, pois se trata uma interação prolongada com a paisagem, para o autor, “a diferenciação o mecanismo mediante o qual, á medida que se prolonga o tempo de observação, consegue-se descobrir não só assinaladas, mas também os muitos componentes de cada uma dela” (BOULLÓN, 2002, p. 135 – 136).

A compreensão desses fatores é direcionada por perguntas em relação à paisagem estão relacionadas aos seguintes temas:

- Partes principais da paisagem;
- Melhores momentos de visualização do dia e do ano;
- Particularidades de cada lugar e melhor ponto visual;
- Trechos que merecem maior observação;
- Pontos que merecem visão atenta;
- Superfícies de penetração e paisagens de visão externa;
- Sequências que devem guiar o traçado das trilhas;

Para sintetizar a observação e exploração do ambiente, por meio desses passos o autor explica: “a função dos três primeiros dados, obtidos por meio das perguntas anteriores, é facilitar a descoberta da estrutura, da forma nítida e dos

elementos de diferenciação, e dos quatro últimos é ilustrar os modos de explorar a paisagem” (BOULLÓN, 2002, p.136).

Apesar disso, não é só conhecendo os elementos da paisagem que se pode avaliá-la. Devem-se levar em conta outras propriedades, definidas por Boullón (2002, p.129), como:

Diversidade: que depende da quantidade de componentes visualmente diferenciáveis dos diversos pontos de vista dos quais se podem contemplar uma paisagem. A análise da diversidade é um dos indicadores básicos para definir os percursos e os mirantes de uma paisagem

Repetição: que indica a presença reiterada de uma ou motivo natural em tal grau que cheguem a dominar a cena.

Unidade: que se refere ao equilíbrio visual dos componentes de uma. A unidade de uma paisagem é um dos valores da natureza que mais dificultam sua leitura às pessoas não treinadas na captação da diversidade.

Mudança: faz menção aos matizes que uma mesma paisagem adquire conforme as horas do dia e os do ano. (BOULLÓN, 2002, p.130).

2.2. Espaço Turístico Urbano

O espaço urbano pode ser entendido como o ambiente artificial, aquele que foi construído pela civilização, isso é a espaço natural adaptado pelo ser humano com objetivo de viver em sociedade. As cidades são os principais exemplos dessas modificações do ambiente natural que teve quase todos os seus elementos modificados, exceto o clima e a topográfica. O autor entende essa mudança nos paradigmas sociais, da seguinte maneira:

Ao passo que a população do mundo começou a crescer lentamente, vivendo, em sua maioria, nas áreas rurais, que eram seu local de trabalho, as cidades mantiveram-se em equilíbrio e dentro de uma dimensão humana; mas depois, com o crescimento dos fluxos comerciais e a mudança dos modos de produção trazidos pela Revolução Industrial, seu crescimento acelerou-se até alcançar os tamanhos gigantescos das atuais megalópoles (BOULLÓN, 2002, p.189).

A compreensão do espaço urbano é mais simples para o homem moderno, como já mencionado anteriormente, pois a cidade é composta por elementos

característicos, o sujeito observador usa das amplitudes dos monumentos e edifícios que o cercam para se localizar. Essa interação ocorre através da observação do olhar do turista, por meio de fotografias ou circulando por áreas centrais.

Em geral, segundo o autor, as únicas áreas representadas graficamente. Como ocorre em grandes cidades que optarem por reduzir sua imagem à menor quantidade possível de edifícios ou monumentos, como exemplo: a Torre Eiffel em Paris, a catedral de São Pedro, em Roma, ou Trafalgar Square, em Londres.

Na percepção do espaço urbano, há um processo, ocorre por meio da interação das principais características do espaço urbano com a observação do turista, aquele que observa a paisagem, cria imagens em sua mente daquilo que viu. Esse surgimento de imagens se dá pela rotina, ou seja, não surge de imediato o entendimento da paisagem artificial, mas pela sucessão de vivências. Boullón (2002, p.193) as descreve da seguinte forma:

Por meio de uma série de elementos formais – que o homem consegue identificar e reter em sua memória – constrói-se a imagem da paisagem urbana. Para o habitante de uma cidade, a construção de imagens como essa é imprescindível porque, graças a elas, reconhece os lugares que transita e se orienta.

Apesar de ocorrer dessa forma, nem sempre a interpretação ocorre de forma fácil, pois certas cidades apresentam diversos graus de dificuldades para entendê-las, isso depende do seu tamanho. Um fator importante é que o ambiente artificial, diferentemente do ambiente natural, pode apresentar uma estrutura desorganizada. Boullón (2002, p.194) compreende desta maneira:

Ambos os ambiente, natural e artificial, têm linguagem própria: o primeiro se manifesta por si mesmo e o outro é consequência da expressão dos homens. Na natureza, descobrimos que a variedade de combinações de seus múltiplos componentes é tão grande que nos foi impossível padronizar suas formas.

O ambiente criado pelo homem por sua vez se vê limitado, podendo ser dividido em dois grupos: os edifícios e os espaços abertos. Boullón (2002, p. 196) define estes itens em seis pontos focais e a relação entre eles chama-se organização focal, conforme descritos a seguir:

LOGRADOUROS

Os logradouros são locais abertos ou cobertos de uso público, permitem a livre circulação de visitantes. Para o autor, são partes da cidade de tamanhos e função turística muito diferentes. Segundo o autor, “bons exemplos de logradouros são um parque, um zoológico, uma praça, uma galeria, um centro comercial, uma feira, um mercado, uma encruzilhada de ruas, o átrio de uma igreja ou uma estação de ônibus” (BOULLÓN, 2002, p. 196).

Alguns deles, como os parques e zoológicos, atendem por meio de sinalizações e percursos planejados para que sejam vistos os pontos mais importantes, já no caso das praças ocorre a qualquer um que a visita uma formação de imagens mais rápida devido a curtos espaços e simplicidade.

MARCOS

Os marcos são pontos de referência, eles são divididos em duas categorias: os locais e os gerais. Os locais se caracterizam como elementos de identificação para o residente. Boullón (2002, p. 202) os destaca:

São perceptíveis pelos habitantes de cada parte da cidade, mas não influem na formação de imagens dos turistas, porque exigem familiarização com o meio, alcançada ao longo do tempo, ao se voltar a passar muitas vezes pelo mesmo lugar, coisa fora do alcance do turista que só pode perceber os marcos gerais.

No caso dos marcos gerais podem ser entendidos como distantes ou próximos, ou seja, tratam-se daqueles que possuem grande tamanho e podem ser apreciados de diferentes posições.

[...] Alguns marcos são, ao mesmo tempo, atrativos turísticos, mas outras vezes um artefato ou um edifício urbano sem nenhum valor estético podem servir como uma referência espacial muito importante para situar os turistas. Em outras ocasiões, os marcos reforçam notavelmente sua importância visual pelo significado que têm para os turistas, embora a população local não lhes dê maior atenção (ibidem, p.202).

BAIRROS

São recortes da cidade que também podem ser divididas em distritos ou colônias, essas grandes áreas que possuem certas características comuns, mas, podem ser diferenciadas das demais. Na maioria das vezes os bairros tomaram forma devido à necessidade política, para facilitar a administração. Para facilitar o entendimento, podem-se relacionar os bairros como lugar que abrangem marcos e logradouros, por isso, fazem parte do catálogo turístico.

Como os logradouros e marcos, alguns bairros integram a lista de atrativos turísticos mais visitados em um centro turísticos, porque têm a vantagem de possibilitar que, em seu interior, vejam-se outros atrativos turísticos como igreja (marco), ou uma praça e uma (logradouros) (BOULLÓN, 2002, p. 204).

SETORES

Fazem parte do patrimônio, resquícios de bairros antigos, esses recortes possuem os mesmos moldes dos bairros, porém suas edificações forem sobrepostas por mais modernas. Para o turismo os setores possuem maior relevância que os bairros devido o valor arquitetônico. Para Boullón (2002, p. 206), “do ponto de vista turístico, os setores são muito importantes porque, se forem valorizados, podem servir para mostrar como foi, um dia, uma cidade ou povoado em sua etapa de máximo esplendor arquitetônico”.

BORDAS

São elementos que marcam delimitam, mostram uma divisão por um elemento linear, para o autor “uma borda é um elemento fronteiroço que separa bairros diferentes, quebra continuidade de um espaço homogêneo ou define extremos ou margens de partes da cidade” (BOULLÓN, 2002, p. 208).

ROTEIROS

São itinerários seguidos pelo tráfego de turistas para visitação de atrativos turísticos, de modo que podem seguir desde a entrada até a saída das cidades. Para os centros turísticos são fundamentais. Boullón (2002, p. 209), afirma que “diante da enorme gama de alternativas de circula o oferecidas pela rede viária de uma cidade, e diante, igualmente, de grande probabilidade de se perder, todo centro turístico deve esclarecer qual   a melhor forma de circular por ele”.

Esses caminhos pré-estabelecidos servem nada mais que vias que levam aos principais pontos da cidade, no qual, o turista terá a oportunidade mais fácil de recordar os elementos vistos.

2.3 O TURISTA COMO OBSERVADOR

Após as classifica es, o autor passa a estudar a percep o do homem em rela o ao ambiente natural ou modificado. Neste contexto, será visto a importância que a visão e a intera o com ambiente que cada sujeito possui   fundamental desenvolver a sua interpreta o sobre o local. Essa rela o será apresentada por Boullón por meio da diferença entre o homem (agente transmissor/sujeito receptor):

[...] Não viu tudo o que poderia ter visto, porque o processo de comunica o falhou, e a falha deve ser atribuída ao agente transmissor e não ao sujeito receptor, porque em turismo quem deve adaptar-se   o primeiro fator, dado que não podemos treinar o receptor, porque ele muda constantemente e   muito heterog neo quanto   idade e nível cultural (BOULLÓN, 2002, p. 113).

O autor destaca a perspectiva em que o homem se insere, e como isso pode desencadear diferentes tipos de observa es e atribui es, valores diversos ao mesmo lugar, essa intera o ocorre quando o subconsciente entra em conflito com as experiências de modo que possa gerar uma interpreta o única para cada um que se envolve com o ambiente. Boullón (2002, p.112) ainda desta que:

[...] O turista vai formando o juízo de valor do que acaba de ver, e não há d vida que, por mais indiferente que seja, o resultado de uma viagem   uma acumulo de experiências e lembranças dos lugares por que passou. Muitas vezes as lembras de um atrativo natural são bastante difusas, e em outras ocasiões chegam mesmo a ser confusas ou nulas.

A forma de ver paisagem natural é algo relativo à atividade momentânea, a atitude de observar, por meio da percepção se tira conclusões de um espaço, no entanto, está muito mais relacionada ao ato do turista na prática de algo que pode acarretar uma sensação. Dessa forma, é necessário compreender os tipos de observadores, conforme Boullón (2002, p.158-159), definidos como:

Espectador: Um turista espectador é aquele que se mantém fora da paisagem e se limita a observá-la dos diversos pontos de vista oferecidos pela estrada na qual transita.

Agente: Em outras ocasiões, o turista-agente incorpora-se à paisagem, mas para praticar algum esporte como o esqui, motonáutica ou *surf*.

Agente-observador: O terceiro caso refere-se ao turista agente-observador e inclui, por sua vez, duas situações: a) a do visitante que entra e permanece na paisagem, e b) a do turista que pratica esportes ou atividades sedentárias.

Para o autor, a inserção com o ambiente é a diferença entre esses sujeitos. O Espectador é aquele que não faz nenhum contato físico com a paisagem. Apenas vê o que lhe passa. O Agente incorporar-se a paisagem, mesmo que venha a se esquecer, pois estava mais focado na atividade que realizava, enquanto o agente-observador terá maior foco e significados obtidos do que viu devido estar praticando algo que o faça interagir mais com ambiente que o cercava.

Adiante, no capítulo de resultados, se resgatará estes conceitos, com objetivo de identificar qual o tipo de observador, usuário do Parque Lagoa Senado Arthur Virgílio Filho.

3. O PARQUE LAGOA SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO FILHO

3.1 Características do ambiente natural

Para entender o Parque Lagoa Senado Arthur Virgílio Filho como espaço natural, deve-se recordar do que ele é composto, visando o que está intrínseco na sua paisagem, levando em conta de ser um local modificado pelo homem entendido como espaço cultural, já explicado anteriormente, possui elementos naturais e urbanos.

Assim segundo o DECRETO N° 1.502, DE 27 DE MARÇO DE 2012, Art. 2º que regulamenta Área de Proteção Ambiental UFAM, INPA, ULBRA, ELISA MIRANDA, LAGOA DO JAPIIM E ACARIQUARA e dá outras providências que tem como objetivo básico disciplinar o processo de ocupação humana, evitando o parcelamento de solo irregular e clandestino, manter a diversidade biológica, proteger os atributos abióticos, bióticos, estéticos e culturais, assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais, visando a favorecer a melhoria da qualidade de vida e o bem estar da população humana.

Isso é uma paisagem heterogênea que apresenta componentes que se destacam como a lagoa, a unidade, pois é o principal ponto de caracteriza o espaço, inclusive algo comum ao habitat da região amazônica. O lugar cujos resquícios da vegetação nativa e a parte que recebeu alteração humana representam a diversidade, apesar de agora, a repetição dos elementos serem predominados por estruturas urbanas que se sobrepõe sobre as formas da natureza.

Esse espaço possui modificação ao longo do ano devida a mudanças climáticas, representadas por temperaturas maiores ou menores no decorrer dos horários do dia.

Cada perspectiva observada, pela pessoa que entra em contato a paisagem será diferente, dependendo do ponto de vista e conhecimento que tiver. Essa interpretação individual, por mais que a pessoa use do mesmo método, não chegará uma resposta completamente igual, mas apresentará similaridades as resposta que obtiverem para as perguntas que fizerem.

A relevância das áreas verdes urbanas que categorizam o parque como uma APA que apresenta essa realidade de interesse público, por ter um importante papel

na melhora da qualidade do ambiente, que permite ainda dentro do contexto urbano interação com a natureza e fauna nativa.

3.2. CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE URBANO

Para caracterizar o do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho inserido no espaço urbano é necessário recordá-lo como espaço público aberto que possibilita a visitação e circulação livre a todos, sendo de uso limitado por ter horário de funcionamento.

Figura 1: Poligonal do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Vilho



Fonte: Semmas, 2016

Esse local foi adaptado pelo homem, antes um espaço natural, que agora construído para benefício da vivência em sociedade, prescinde de meios de observação devido ser uma criação da civilização, espaço que passou de uma grande propriedade privada a ambiente de uso comum, antes uma área administrada pela Companhia Habitacional do Amazonas e atualmente um grande bairro de Manaus.

Como característico da área urbana seu entendimento advém do convívio com o espaço, como foi demonstrado. A interação do ambiente artificial como o ambiente natural foi dividido em partes para facilitar a observação, possui grande importância por apresentar representatividade natural ainda dentro contexto urbano algo que é bastante difícil de ser encontrado na sociedade atual. Entender esse local e suas especificidades melhora o reconhecimento e valoriza características culturais e regionais que a cidade Manaus, muitas vezes, carece.

3.3. HISTÓRICO DO PARQUE

Antigamente, era uma propriedade privada de Carlinhos da Carbrás (SANTANNA, 2010), o Parque Municipal Lagoa do Japiim, foi inaugurado no dia 27 de dezembro de 2008, custando ao governo do município de Manaus R\$6 milhões, sendo R\$5 milhões em recursos da própria SEMMAS e R\$1 milhão do Fundo Municipal de Desenvolvimento (FMDU). Está localizado no bairro Japiim I, zona sul de Manaus, na Avenida General Rodrigo Otávio com uma área de 41 mil metros quadrados.

O parque, como Unidade de Conservação, está inserido na Área de Proteção Ambiental UFAM criada pelo Decreto nº 1503 de 27/03/2012 formada por fragmentos florestais do INPA, UFAM, ULBRA, e área verde do Conjunto Acariquara. Local que está inserido no bairro Japiim que tem suas origens em torno do conjunto residencial 31 de março, construído pela antiga Cohabam (Companhia Habitacional do Amazonas), que na época, no final da década de 1960, geria a política habitacional do governo estadual, com recursos da União. O nome 31 de março foi escolhido para homenagear a data da revolução de 1964, ou golpe de Estado, que levou os militares ao poder. O conjunto foi inaugurado, em 1970, quando as casas, construídas eram de um, dois ou três quartos, ficaram prontos e foram entregues aos moradores, depois de sorteados pela agência governamental.

Figura 2: Limites do bairro do Japiim

Fonte: Google Maps, 2018

Os primeiros moradores do Japiim chegaram ao bairro e encontraram pouca infraestrutura, pois as casas foram entregues sem redes de água e a de luz elétrica, ainda demorou um pouco para ser instalada. As ruas não eram asfaltadas e também não havia linha regular de transporte coletivo. Havia cerca de 100 famílias morando no Japiim. Eram procedentes de diferentes lugares de Manaus e também do interior do Estado, o que dificultava a organização dos mesmos em torno da comunidade.

Atualmente, quem visita o Parque Municipal Lagoa Senador Arthur Virgilio Filho, no Japiim, pode contemplar, além da beleza da flora, a fauna aquática existente no lago artificial, a grande maioria quelônios que se deixam ficar ao sol no final de tarde ou se proteger do mesmo com as sombras oferecidas pelas seringueiras espalhadas na pista de caminhada. Construído em uma área de 41 mil metros quadrados, o equivalente a quatro hectares ou a quatro campos de futebol, passou por revitalização em 2016 com todos os espaços físicos reformados. Em 2017, foram entregues as obras de readequação do sistema de drenagem do logradouro. Cercado por vários conjuntos habitacionais como Japiim 1 e 2, Suframa, e próximo de bairros como Japiinlândia, Coroadó, Petrópolis, Raiz, São Francisco e Distrito Industrial, o parque foi inaugurado no bairro em 2008

Segundo a página oficial da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMMAS) diz que quem visita o Parque Municipal Lagoa Senador

Arthur Virgilio Filho, no Japiim, pode contemplar, além da beleza da flora, a fauna aquática existente na lagoa artificial, a grande maioria quelônios que se deixam ficar ao sol no final de tarde ou se proteger do mesmo com as sombras oferecidas pelas seringueiras espalhadas na pista de caminhada. Construído em uma área de 41 mil metros quadrados, o equivalente a quatro hectares ou a quatro campos de futebol, passou por revitalização em 2016 com todos os espaços físicos reformados. Em 2017, foram entregues as obras de readequação do sistema de drenagem do logradouro. Cercado por vários conjuntos habitacionais como Japiim 1 e 2, Suframa, e próximo de bairros como Japiinlândia, Coroado, Petrópolis, Raiz, São Francisco e Distrito Industrial, o parque foi inaugurado no bairro em 2008.

O parque teve seu nome alterado pela LEI Nº 2017, DE 20 DE JULHO DE 2015 que diz: Fica denominado de Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho o logradouro público conhecido como Lagoa do Japiim, localizado no Conjunto 31 de Março, na zona Sul de Manaus, no bairro Japiim I.

Para compreender o parque em relação ao seu entorno fez-se um recorte produzido pela ferramenta *Google Earth* que apresenta sua área, antes de sua criação em 2007 até momento atual, possibilitando uma análise visual do que ele representa como área verde em ambiente urbano.

Figura 3: Limite da área do Parque 2007 antes de sua criação



Fonte: *Google Earth*, 2018

Figura 4: Parque Lagoa do Japiim em 2008, ano de criação



Fonte: Google Earth, 2018

Figura 5: Parque Lagoa do Japiim em 2010



Fonte: Google Earth, 2018

Figura 6: Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio filho em 2015



Fonte: Google Earth, 2018

Figura 7: Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio filho em 2018



Fonte: Google Earth, 2018

Ao analisar estas figuras é possível verificar que o parque urbano Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho assume um papel muito importante no espaço urbano tanto na qualidade ambiental como também na qualidade de vida da população que necessita desse espaço público, seja para lazer ou para preservação dos resquícios de áreas verdes urbanas que são consideradas um indicador na avaliação da qualidade ambiental e também obrigatório por lei. Com isso, muitas das áreas que poderiam estar assumindo diferentes finalidades estão abandonadas sem sua efetivação.

Algumas partes sem infraestrutura adequadas foram implementadas há pouco tempo, mas a maioria das áreas não possui vegetação adequada, existindo, assim, poucas áreas para a destinação de atividades diversas e interação ao ar livre. Os problemas relacionados ao meio ambiente têm sido observados com mais frequências, os estudos relacionados à qualidade do ambiente urbano podem contribuir para melhorar o planejamento a partir da geração de políticas capazes de tornar o uso e a ocupação nas cidades menos impactantes ao meio ambiente, e melhorar a qualidade de vida da população, que necessita de um ambiente ecologicamente equilibrado.

Notou-se que como uma área verde urbana e Área de preservação de ambiental, e um local que deveria proporcionar uma perspectiva ambiental diferente ao usuário, porém o que ocorre é o contrário, o parque apresenta um declínio na quantidade de arborização do seu entorno, principalmente no quesito crescimento urbano que ocorreu nos últimos anos. Chegando diminuição do corredor verde que o parque abriga atualmente somente dentro dos seus limites.

4. AS ÁREAS VERDES URBANAS

Como visto previamente, o parque se insere numa importante Área de Proteção Ambiental, e, no contexto histórico do bairro do Japiim, contribui para evitar que a dinâmica do desenvolvimento da cidade aniquile os recursos naturais.

Para melhor compreensão sobre o tema propõe-se uma explicação sobre o que são as áreas verdes urbanas de acordo com o que está prescrito na Constituição Brasileira, conforme Fachini (2008, p. 12) exemplifica:

A zona urbana estaria constituída por três sistemas:

- a)** Sistema de espaços com construções (habitação, indústria, comércio, hospitais, escolas, etc.);
- b)** Sistema de espaços de integração urbana (rede rodo-ferroviária).
- c)** Sistema de espaços livres de construção (praças, parques, águas superficiais, áreas verdes, etc.) definida como espaço urbano ao ar livre, destinado a todo tipo de utilização que se relacione com caminhadas, descanso, passeios, práticas de esportes e, em geral, a recreação e entretenimento e podem desempenhar, principalmente, função estética, lazer e ecológico-ambiental, entre outras.

Neste sistema, as áreas verdes são um tipo especial de espaços livres onde o elemento fundamental de composição é a vegetação. Elas devem satisfazer três objetivos principais: ecológico-ambiental, estético e de lazer.

Sendo assim, não é difícil apontar os benefícios que os fatores naturais proporcionam a qualidade de vida no ambiente urbano, por isso, é necessária a reflexão sobre a gestão adequada dos recursos naturais dentro do espaço urbano. Algo que deve ser tratado em todas as esferas sociais, como define Fachini (2008, p.13):

A fim de resolver ou minimizar os impactos da urbanização sobre o verde urbano faz-se necessária uma ampla discussão sobre o tema e a preocupação com a ecologia. O urbanista, o projetista, a população, o político, o ecologista, o professor entre outros envolvidos, não devem relegar ao segundo plano o interesse e o cuidado com o meio-ambiente, considerando os benefícios e até mesmo os malefícios que esta preocupação ou a sua não preocupação venha a refletir no resultado ou na vida das cidades.

No momento atual devido o intenso crescimento populacional é evidente a menor quantidade de espaços verdes no meio urbano, portanto não se pode negar a necessidade de buscar meios de implementar e expandir o ambiente natural dentro dos limites da cidade, não apenas, visando a preocupação estética, conforme continua o autor (FACHINI, 2008, p.17):

É relevante a preocupação com as funções estéticas, culturais econômicas que as áreas verdes desempenham nas cidades, porém deve existir uma nova concepção, na utilização dos espaços livres, no sentido de implementar e expandir as áreas verdes urbanas, visando a preservação e a conservação da fauna e flora existentes, e a melhoria da qualidade de vida do homem.

Como afirma Batista (2018)² as áreas verdes urbanas, se integradas em corredores ecológicos ou parques lineares, poderiam contribuir para o equilíbrio da qualidade do ambiente, reduzindo ilhas de calor, além de garantir o fluxo genético da fauna e flora endêmica de cada localidade.

Como afirma a autora (BATISTA, 2018, p.3),

O estranhamento do homem à cidade que ele mesmo construiu ou viu ser cada vez mais verticalizada e poluída, por vezes, não o permite mais atribuir à Natureza o seu real valor. Comportamento que exige pensar novas maneiras de primeiro, o homem se reconhecer no ambiente urbano, para em seguida, sensibilizar-se para a necessidade de mobilizar a sociedade para a proteção, conservação e salvaguarda do patrimônio ambiental.

Em Manaus, ou qualquer outro centro urbano o dia corrido, por vezes, leva o cidadão a utilizar o patrimônio de forma a não se dar conta de seu real valor. E se não percebe a importância do patrimônio, não agrega vínculo de pertencimento, seja por não reconhecer sua relevância histórica ou valor cultural, ou pela simples falta de sensação de importância ou algum fator que desperte o emocional. Para entender melhor essa interação de homem e ambiente, faz-se necessário entender o termo **topofilia** que pode ser entendido como os “laços afetivos do ser humano com o ambiente material” Yi-Fu Tuan (2012, p. 136). Como explica o autor, “a topofilia não é emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”.

²² (Artigo em fase de elaboração).

Esse contexto está diretamente relacionado ao vínculo com os lugares e que, na era moderna, ocorre mais dificilmente, pois o homem o utiliza o espaço de maneira e forma diferente. Isto é, era mais frequente antigamente, as pessoas terem alguma forma de relação com o espaço que habitavam, seja por necessidade de sustento ou por laço emocional. Conforme Tuan (2012, p. 139):

Na vida moderna, o contato físico com próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora da decrescente população rural, envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional. O circuito turístico, atrás de janela de vidro rayban, separa o homem da natureza. De outro lado, em certos esportes como o esqui aquático e alpinismo, o homem entra em contato violento com a natureza.

O entendimento dessa relação está ligado ao modo como são utilizados esses ambientes e também na forma que as pessoas moldaram o espaço visando apenas uma relação de consumo e não possuem mais o vínculo que as pessoas tinham devido à relação de necessidade da terra e sustento.

Manaus, desde os anos de 1967, com a chegada do modelo Zona Franca, ampliou a expansão urbana reduzindo as áreas verdes urbanas e, hoje, por meio das diretrizes da Resolução 002/2002, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade – SEMMAS, responde pela gestão de doze espaços territorialmente protegidos, sendo: dez unidades de conservação e dois corredores ecológicos, elas são: Parque do Mindu; Parque Nascente do Mindu; Refúgio da Vida Silvestre Sauim-Castanheiras; Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé; APA Tarumã-Ponta Negra; APA Parque Linear do Gigante; APA Ufam, Inpa, Ulbra, Lagoa do Japiim, Eliza Miranda e Acariquara; APA Adolpho Ducke; APA Parque Ponta Negra; APA Parque Linear do Bindá; Corredor Ecológico do Mindu; Corredor Ecológico Cachoeiras do Tarumã.

Esses espaços ocupam, de acordo com a SEMMAS, apenas, 4,75% da área do município de Manaus, mas, representam um papel fundamental para a proteção da natureza, da fauna e da flora.

E, no contexto desta pesquisa, sendo o Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, um destes espaços, propôs-se a analisá-lo com objetivo de identificar sua importância no contexto da cidade, segundo a percepção dos usuários, com objetivo

de verificar se há nos usuários o sentimento de pertencimento a este espaço, ou apenas o utilizam para as práticas esportivas.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com intuito de conhecer a veracidade dos fatos, na pesquisa científica são necessários padrões e técnicas que podem ser entendidos como o método, para esse fim, Gil (2008, p. 8) diz que “Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.” Esses moldes possuem o intuito de regular e direcionar a pesquisa ao resultado adequado.

Nessa pesquisa, o método de abordagem utilizado caracteriza-se como o dialético que não vê os fatos como algo acabado, mas que podem sempre ser complementados, refutados, modificados. Assim, dizem Lakatos e Marconi (2007, p.107),

Para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro.

Com relação aos procedimentos, utiliza-se o histórico ao comparar elementos atuais com sua origem, surgimento, e acompanhar o desenvolvimento do objeto, essa visão é abordada na história do local estudado durante o percurso de sua existência e as alterações que sofreu no tempo, desde que há sido criado. Lakatos e Marconi (2004, p.106) o descrevem como:

[...] Consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

Há também presença do procedimento monográfico que caracteriza pelo estudo aprofundado de um tema delimitado, ou seja, busca-se concretizar a hipótese e chegar aos objetivos definidos. Para as autoras, “a investigação deve examinar o

tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos” (LAKATOS; MARCONI, 2004, p.107).

Entende-se que os tipos de pesquisa do presente trabalho são de natureza exploratória e descritiva.

A pesquisa exploratória busca a aproximação ao tema, visando o conhecimento não aprofundado, uma pesquisa mais detalhada, ao possuir como objetivo principal o desenvolvimento, esclarecimento de hipóteses através da formulação de um problema. Sendo assim desenvolvendo uma visão acerca de um objetivo delimitado, Gil (2002, p. 41) diz que:

[...] Estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

No caso da pesquisa descritiva, há ocorrência da descrição de característica e sistematização de dados por meios de pesquisa com moldes padronizados, o autor explica que “São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis” (GIL, 2002, p.42).

Quanto aos procedimentos, se utiliza o bibliográfico, que possuem em regra a forma impressa com a opinião de alguém sobre determinado tema, Gil (2002, p.44) destaca dois tipos:

Os livros de referência, também denominados livros de consulta, são aqueles que têm por objetivo possibilitar a rápida obtenção das informações requeridas, ou, então, a localização das obras que as contêm. Dessa forma, pode-se falar em dois tipos de livros de referência: livros de referência informativa, que contém a informação que se busca, e livros de referência remissiva, que remetem a outras fontes.

Enquanto a técnica de levantamento de dados apresenta-se a documental devido à análise e interpretação dos dados coletados sem que haja interferência de quem a realiza. Busca entender melhor o fenômeno estudado e a relação das variáveis contidas apenas como forma de obter resultados para a produção de

conhecimento, Gil (2002, p. 46) demonstra diversidade de fontes que podem ser utilizadas, da seguinte forma:

[...] Documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

Há também a ocorrência de documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas, estatísticas etc.

Utiliza-se a análise de dados por uma visão qualitativa. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 257) "na metodologia da pesquisa qualitativa, serão utilizados como instrumento: observação sistemática e participante, entrevistas semi-estruturadas com objetivo de levantar a história de vida desses atores sociais". Ferramentas que permitiram realizar a pesquisa, sem contratempos, de acordo com o cronograma sugerido.

Quanto às fontes primárias e secundárias, para a caracterização do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho enquanto área verde no contexto urbano, foram realizadas pesquisas em livros, documentos entre outros estudos realizados.

Para a investigação sobre a percepção do usuário em relação ao Parque, se realizou o levantamento das informações em fontes primárias, com uso do questionário amostral; em diferentes horários e dias da semana. Assim como, o uso da técnica da observação estrutural, com anotações posteriormente sistematizadas, com o uso do método estatístico. Para a aplicação dos questionários ocorre a presença de perguntas, nas quais se obtêm dados qualitativos e quantitativos em relação ao parque.

Quanto à amostragem, Lakatos e Marconi (2015, p.27) explicam que:

O problema da amostragem é, portanto, escolher uma parte (ou amostra), de tal forma que ela seja a mais representativa possível do todo e, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, pode inferir, o mais legitimamente possível.

Deste modo, no **universo da população**, entendida como o conjunto de todas as pessoas ou resultados sob investigação, selecionou-se uma **amostra**, definida como parcela da população que efetivamente foi investigada.

Aplicou-se o erro amostral, definido como o **índice** de variação dos resultados de uma pesquisa que pode variar em mais ou menos de 10%. Esta variável depende do tipo de produto ou negócio, por exemplo, pesquisas envolvendo vidas, como no ramo farmacêutico, o menor erro amostral deverá ser adotado, conforme exemplo ilustrativo, fundamentado na abordagem do site Comento, uma plataforma de pesquisa de opinião.

Figura 8: Cálculo Amostral

The image shows a web-based calculator for determining sample size. It features four input fields: 'População' (Population) with the value 2800, 'Erro amostral (%)' (Sampling error) with the value 10, 'Nível de confiança' (Confidence level) with a dropdown menu set to 95%, and 'Distribuição da população' (Population distribution) with a dropdown menu set to 'Mais homogênea (80/20)'. Below these fields is a 'Calcular' (Calculate) button. The result is displayed as 'O tamanho recomendado para a amostra é: 61' (The recommended sample size is: 61).

População	2800
Erro amostral (%)	10
Nível de confiança	95%
Distribuição da população	Mais homogênea (80/20)

Calcular

O tamanho recomendado para a amostra é: 61

Fonte: Comento, 2018

Quanto à **distribuição da população**, definida como grau de homogeneidade da população, indica que quanto menos variada é a população, menor é a amostra necessária. Deste modo, chegando ao **nível de confiança da pesquisa**, representado pela probabilidade de a amostra coletada refletir o universo da população.

Com base nestes procedimentos, segue-se, no próximo capítulo, com a apresentação dos resultados e discussão da pesquisa.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo se apresentará os resultados da pesquisa, com base nos 61 questionários aplicados com os usuários do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, nos intervalos de 22 de maio a 2 de junho. 31 à noite e 30 de dia.

A importância deste questionário deve-se a necessidade de compreender que o parque além de ser um importante espaço cultural, é também, como visto anteriormente, um espaço que necessita cumprir com sua função social, enquanto espaços de lazer em área urbana.

Para melhor compreender a relação do usuário com o Parque, se fundamentou a reflexão em Débora Cordeiro Braga (2007), sobre o perfil da demanda em relação ao núcleo turístico receptor e o núcleo emissor.

Com base na abordagem da autora, se adaptou a mesma análise ao usuário do Parque que se desloca de sua casa (emissor), para usufruir do espaço ofertado pelo Parque (receptor).

Segundo a autora, a atividade turística só ocorre por meio de deslocamentos, e complementa:

Essa condição revela a existência de dois tipos de turistas. O primeiro é formado pelos que efetivamente visitam a área de estudo e pode fornecer informações sobre suas percepções e experiências no núcleo turístico. O segundo é constituído por futuros e potenciais turistas, que no momento da investigação não são turistas; esse público fornece dados sobre o que deseja em uma localidade turística e subsidia um estudo de mercado que indica tendências de consumo (BRAGA, 2007, p.91).

Nesse estudo, a demanda significa a quantificação e o reconhecimento de padrões de preferência dos turistas em relação ao parque, buscando entendê-los como turistas reais (efetivos) ou latentes (potenciais e futuros). Esse conceito entendido, segundo Braga, como:

[...] Demanda turística significa “o número total de pessoas que viajam, ou que desejam viajar, para utilizar facilidades de serviços turísticos em lugares distantes do seu local de trabalho e residência”. Essa definição dá margem ao estudo da demanda real, isto é, os que viajam, e da demanda latente, aqueles que desejam viajar, mas não fazem no momento (MATHIESON e WALL, 1988, p.16 apud BRAGA, 2007, p.91).

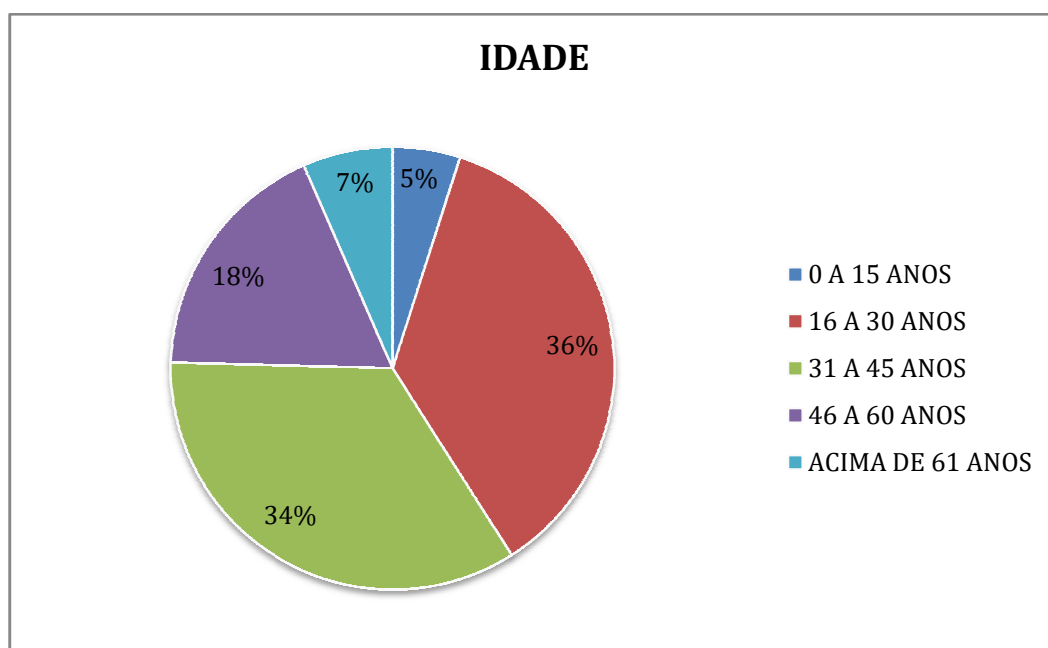
No contexto turístico é viável uma análise mais aprofundada da demanda necessitando reconhecer, além disso, todos seus tipos e subtipos, devido à movimentação social ser um dos seus principais enfoques.

Quando se identifica a demanda real de um local, é possível compreender os motivos que induzem o seu uso, ampliando as oportunidades da oferta. E, com base em informações da demanda real, pode-se, induzir a demanda latente, ampliando o consumo da oferta.

Com esta abordagem, segue-se com a apresentação dos dados sistematizados e discussões.

6.1 PERFIL DA DEMANDA

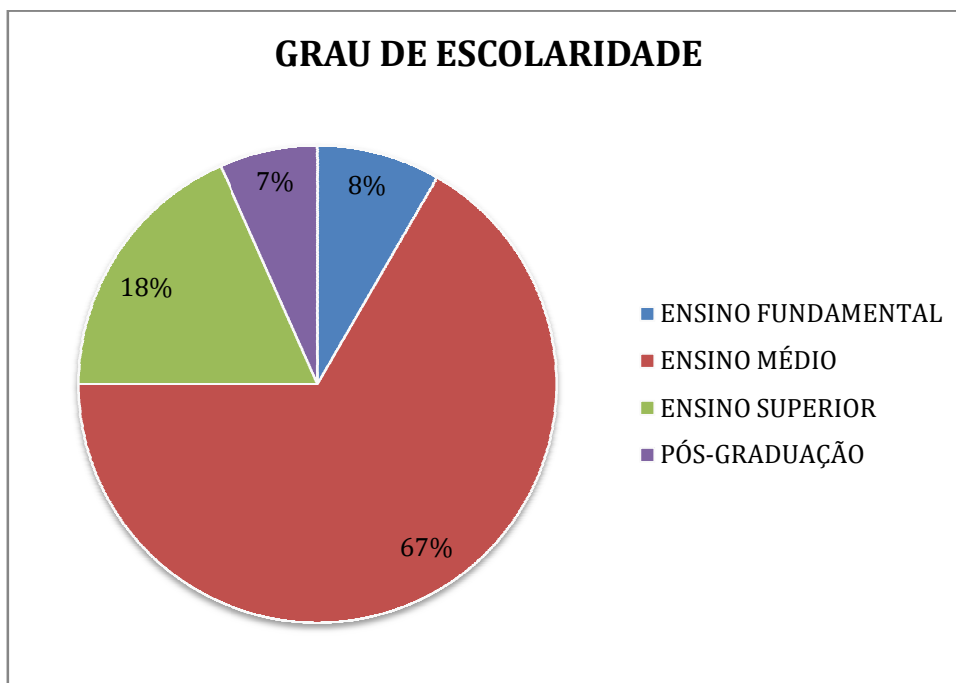
Gráfico 1: Idade dos usuários identificados na pesquisa



Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa.

Com relação à faixa etária dos usuários, identificou-se 5% apresenta faixa etária de 0 a 15 anos; 36% de 16 a 30 anos; 34% de 31 a 45 anos; 18% de 46 a 60 anos e 7% acima de 61 anos. Do universo da amostra, tem-se a média aproximada de 36 anos, cuja moda é 26 anos e a mediana é 33 anos, sinalizando que o perfil potencial do usuário é de um público jovem.

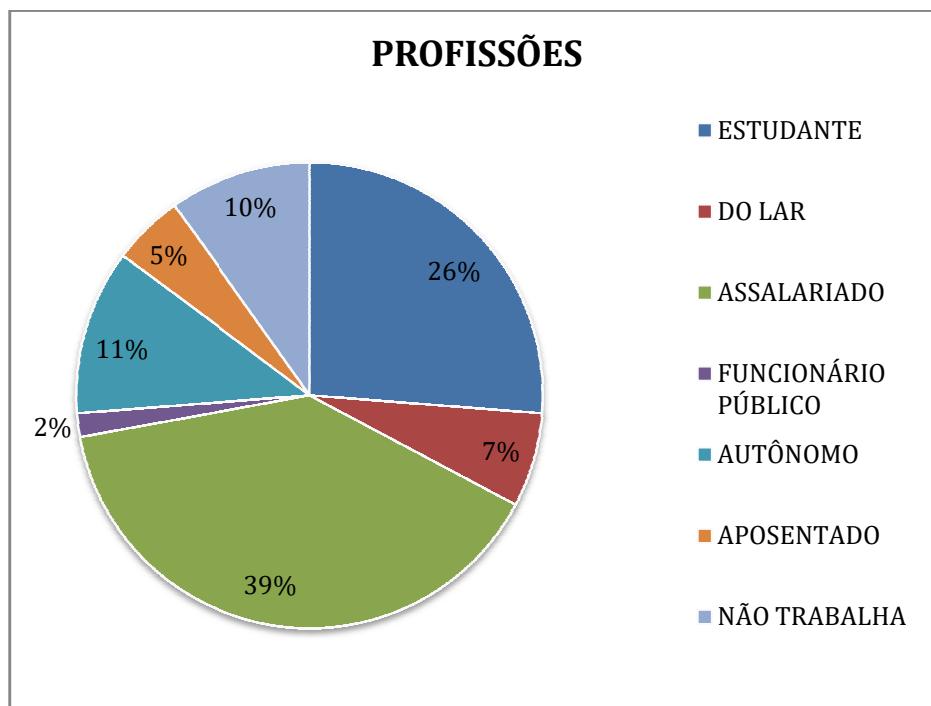
Gráfico 2: Escolaridade

Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa.

Quanto ao grau de escolaridade, os dados sinalizam que, 67% dos entrevistados, declararam possuir o ensino médio; 18% o ensino superior; 7% possuem pós-graduação; e 8% o ensino fundamental.

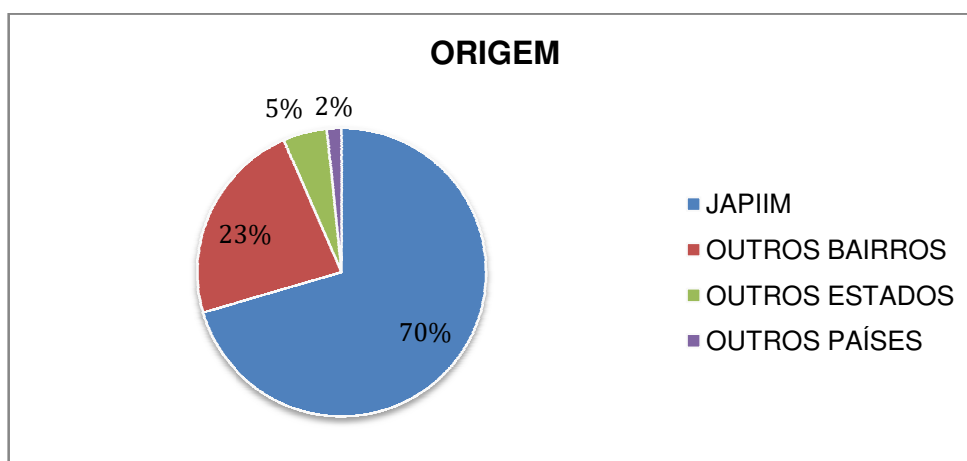
Estes dados indicam público potencial com o ensino médio completo ou em curso. Mas, com a soma dos dados de nível superior e pós-graduação, tem-se 25% do público entrevistado, sinalizando um público seletivo, usuário do Parque.

Gráfico 3: Profissões

Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa.

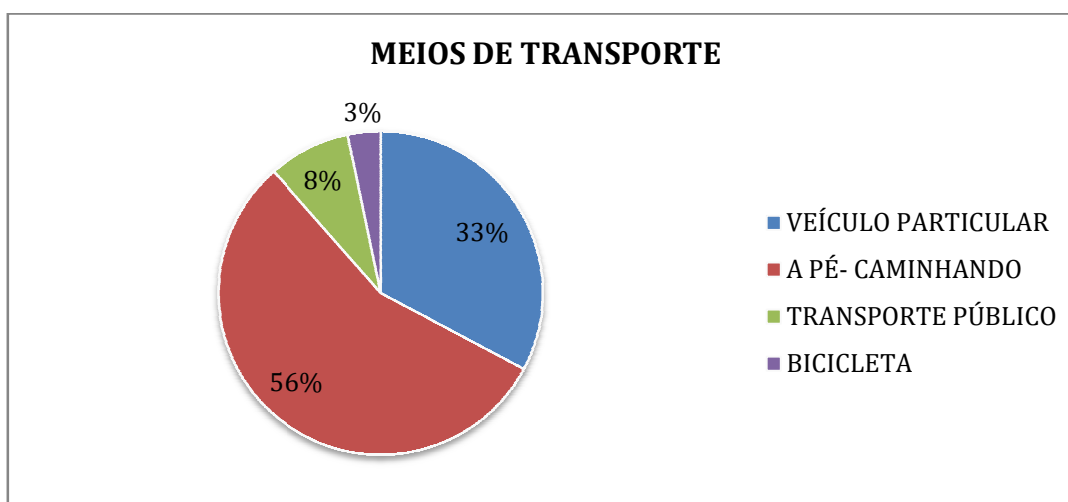
Quanto à profissão, 26% se declararam estudantes; 7% do lar; 39% assalariados; 2% funcionário público; 11% autônomo; 5% aposentados; 10% não estavam trabalhando. Este dado, associado aos anteriores, sinaliza um ótimo perfil do usuário do Parque.

Gráfico 4: Local de Moradia

Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa.

Quanto ao local de moradia dos usuários, 70% declararam residir no bairro Japiim, onde o Parque está situado. Procedentes de outros bairros, 23% dos usuários; outros Estados 5%; e 2% Outros países.

Gráfico 5: Principais meios utilizados para chegar ao parque.

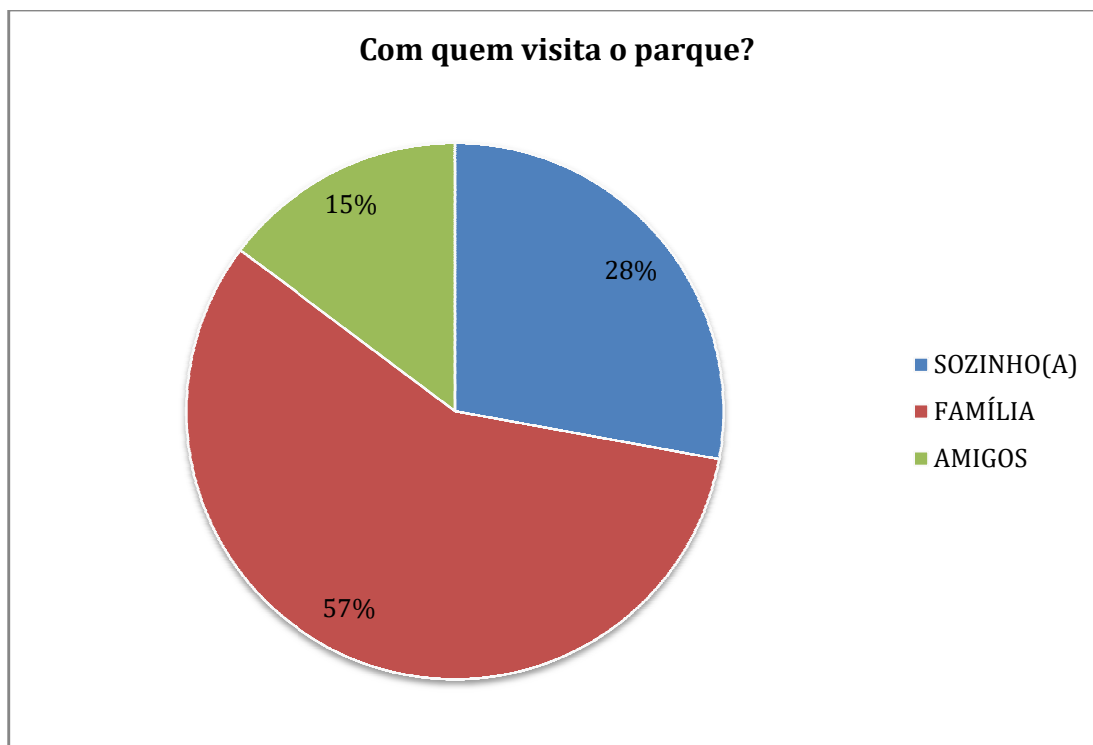
Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Estes dados sinalizam a importância do Parque para o bairro e área urbana onde está situado e, se justifica conforme identificado no gráfico 5, onde 56%, declararam se deslocar ao parque à pé, e dentro os restante dos entrevistados que

moram em bairros mais distantes do parque, 33% usam carro particular, 8% utilizam transporte público e apenas 3% chegam ao parque de bicicleta.

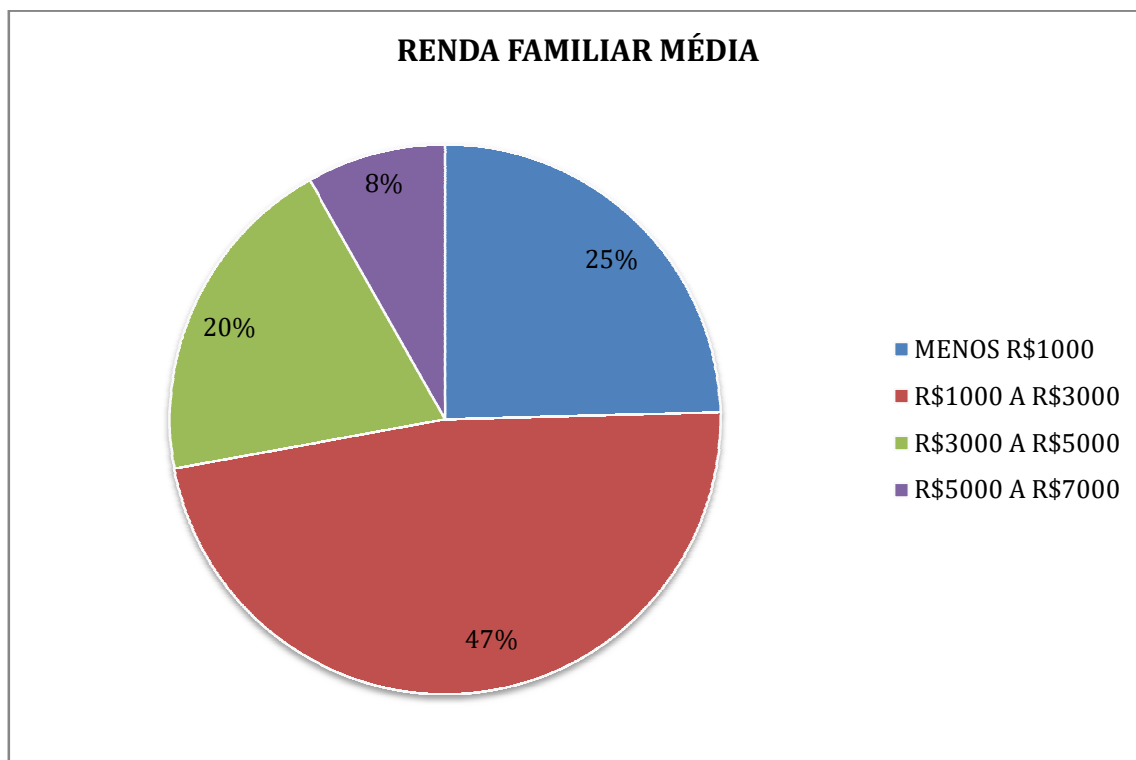
Gráfico 6: Com quem visitam o parque?



Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Quanto à questão com quem visita o parque, os dados apontam que 28% dos usuários tendem a visitar o parque sozinho e apenas 15% com amigos enquanto 57% vão ao local com família, mostrando que o público na sua maioria busca por lazer em com família ou grupo de amigos.

Gráfico 7: Renda familiar Média

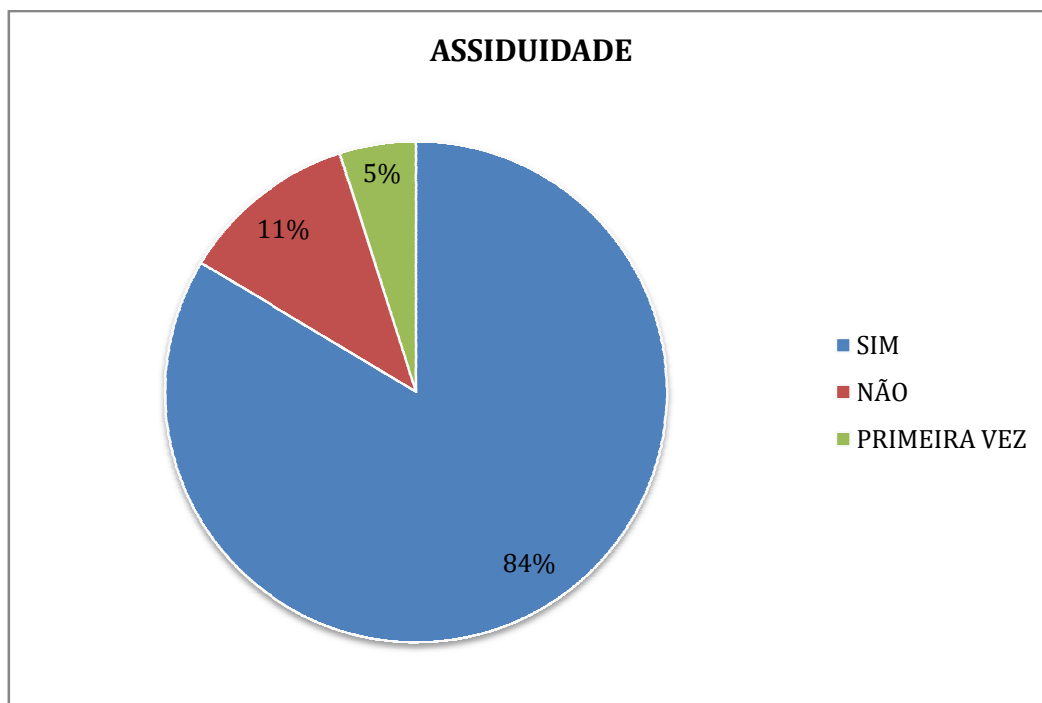
Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Os dados da Renda Familiar Média indicam que o público potencial possui em sua maioria possui renda familiar média acima de R\$1000 representando 75% do total, nos quais 47% declaram possuir entre R\$1000 a R\$3000, 20% entre R\$3000 a R\$5000 e apenas 8% R\$5000 a R\$7000, enquanto 25% do público entrevistado sinalizam ter menos R\$1.000 como renda, mostrando um público classe média.

6.2 FORMAS DE USO E EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO PARQUE

Gráfico 8: Usuários assíduos

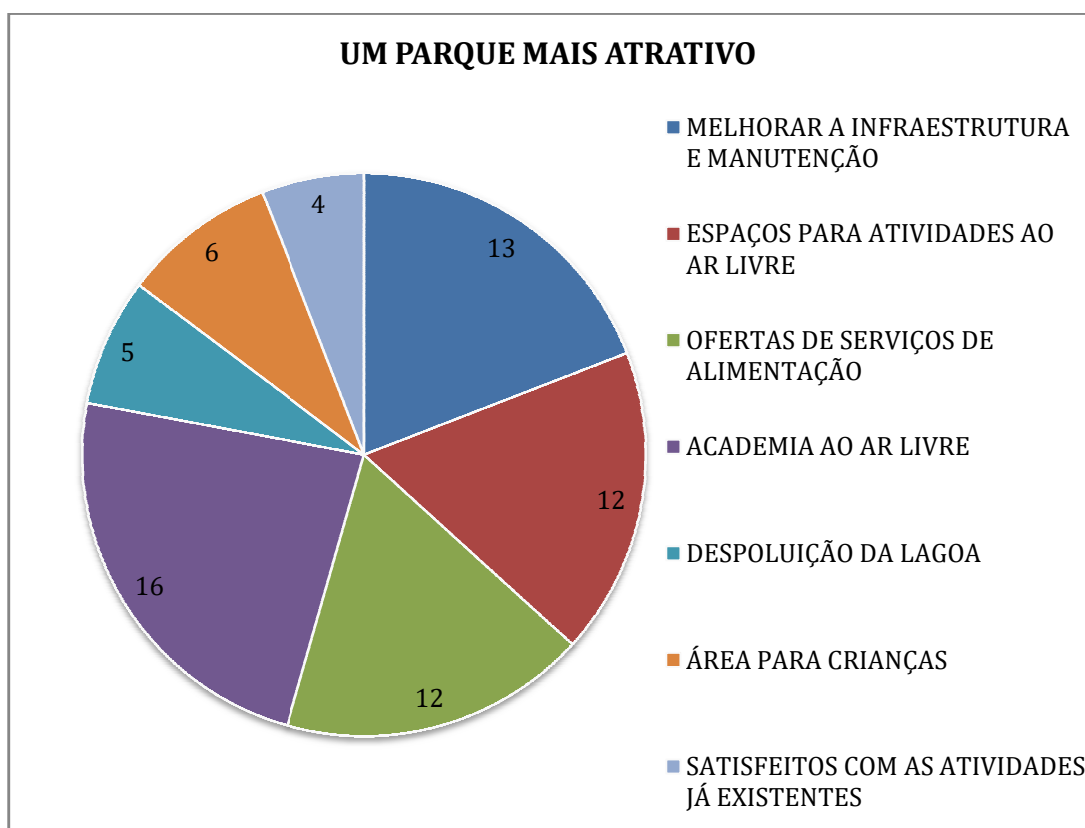


Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Este gráfico mostra que a 84% dos usuários usa o parque com frequência enquanto 11% dos entrevistados declara que não visita o parque com estabilidade, apenas 5% foram ao parque pela primeira vez. Mostra que o público que retorna ao local com certa assiduidade.

Gráfico 9: Há algo que poderia tornar essa área mais atrativa?

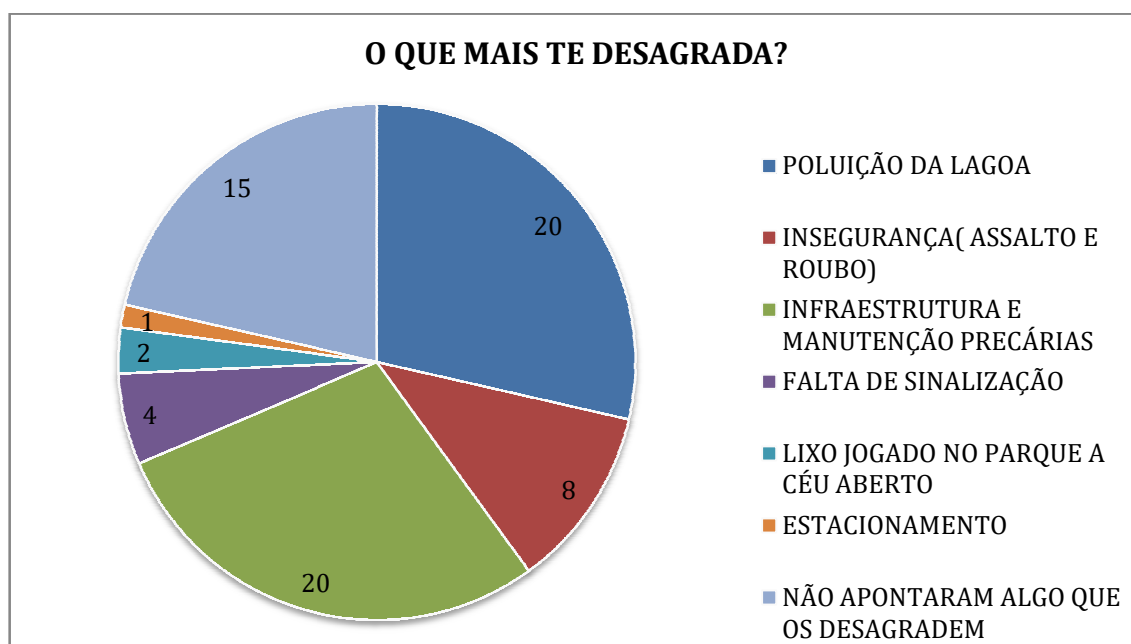


Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Os dados apresentados representam sugestões dos usuários indicaram várias vezes mais um ponto que poderiam tornar a área do parque mais atrativa, deles: 13 disseram que melhorar a infraestrutura e manutenção do parque melhoraria a atratividade; 12 disseram que atividades ao ar livre atrairiam mais pessoas; 12 disseram que ofertas de alimentação chamariam mais público; 16 gostariam de uma academia ao ar livre no parque; 5 disseram que a despoluição da lagoa tornaria o ambiente mais agradável; 6 gostariam de houvesse mais áreas para seu filhos brincarem; 4 usuário estão satisfeitos com as atividades já existente.

Gráfico 10: O que mais te desagrada no Parque?



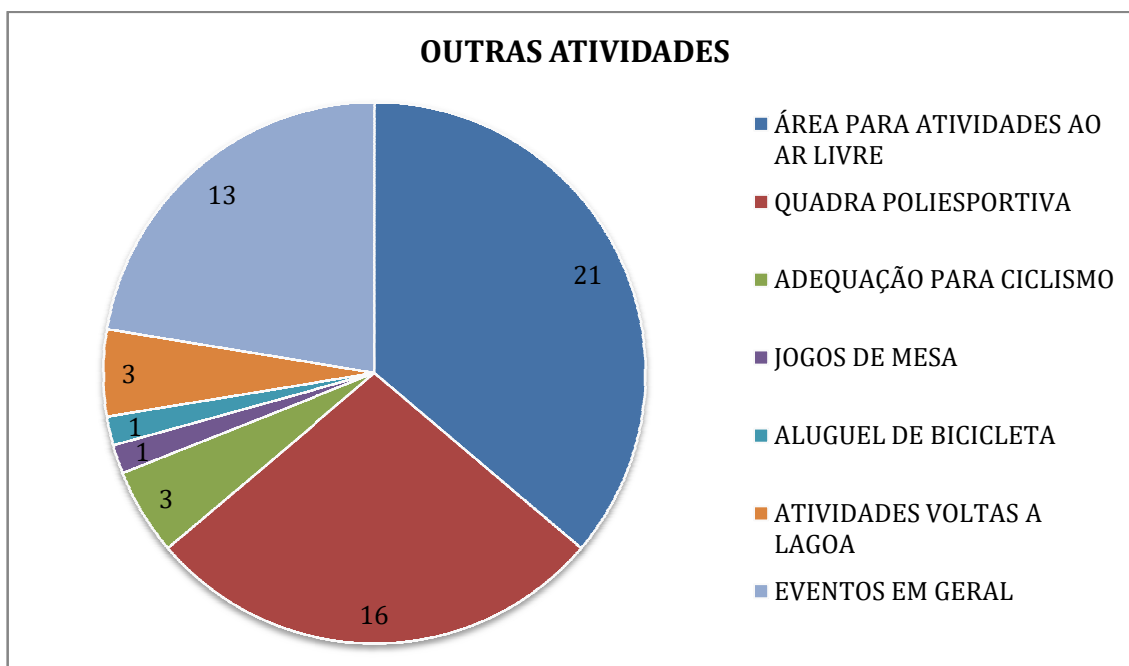
Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa.

Neste gráfico, os dados apresentam opinião dos usuários que indicam várias vezes mais um ponto que não gostam na área do parque, deles: 20 apontaram que a poluição ou cheiro da lagoa os desagravam; 8 indicaram que parque possui algumas inseguranças; 20 disseram que parque precisa melhorar sua infraestrutura e manutenção das suas áreas; 4 indicaram que o parque necessita de sinalização de atividades e deveres com o ambiente para o usuário; 2 reclamaram do lixo que deixado no parque a céu aberto; 1 citou que o estacionamento poderia ser melhor adequado ao espaço do parque; 15 não apontaram motivos que os desagradem no parque.

A maioria apontou que a infraestrutura ou manutenção do parque precisam de melhoras, 8 dos entrevistados temem pela insegurança atual do parque, e 15 deles apontou que gostam do parque em geral.

Gráfico 11: Você gostaria de ver o parque utilizado para outras atividades, quais?

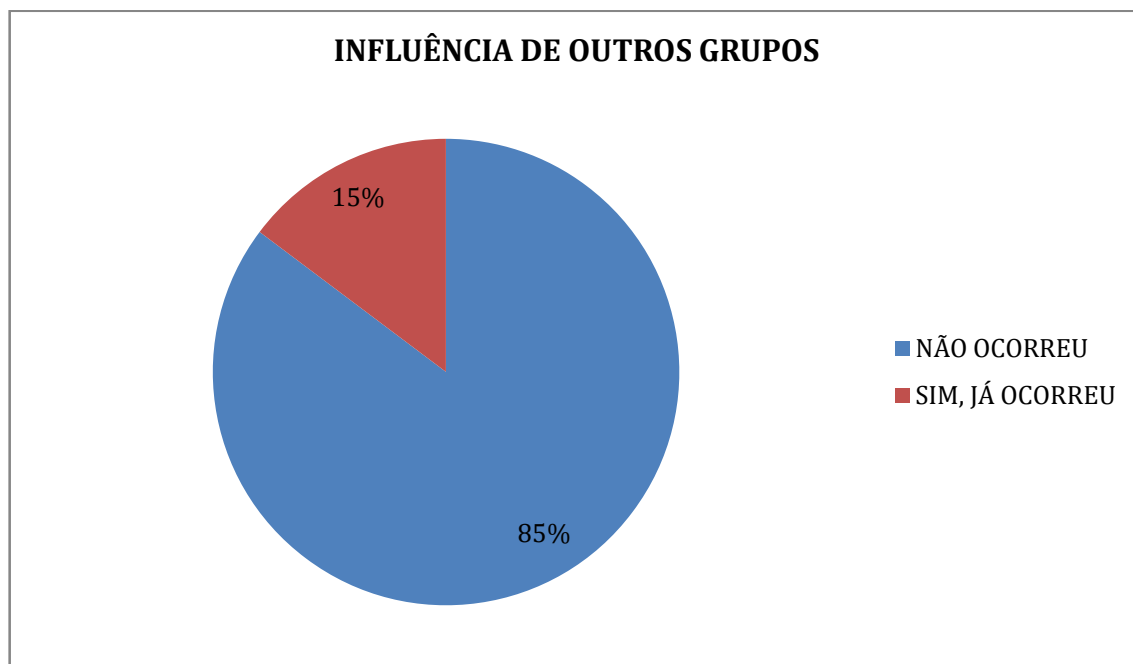


Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa.

Neste gráfico, os dados apresentam opinião dos usuários que indicam mais de uma atividade a ser realizada na área do parque, deles: 21 gostariam de novas atividades ao ar livre; 16 gostariam de uma quadra poliesportiva; 3 pediram por melhor adequação para o ciclismo; 3 buscam por atividades voltadas a lagoa; 13 gostariam que o calendário de eventos do parque fosse contivesse mais eventos; 1 mencionou poderia haver espaço para jogos de mesa; 1 falou da possibilidade de haver aluguel de bicicletas.

A maioria dos usuários busca novas atividades esportivas, além da caminhada, algo que dizem é que o parque necessita diversificação e também de ofertas de atividades ao ar livre, além disso, muitos desejam que o calendário de eventos do parque seja implementado de novas datas.

Gráfico 12: A presença de outros grupos influi sobre você?

Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Fonte: Gabriel-Rá Félix Sousa.

Neste gráfico, os dados apresentam opinião dos usuários que indicaram, mais uma vez, que já foram influenciados pela presença de outras pessoas que usam o espaço do parque, os dados mostram que 85% dos usuários não possuem nenhuma reclamação em relação aos usuários do parque, no entanto, 15% deles notificaram que já sofreram com inseguranças vindas de outros usuários do parque.

Grande parte dos entrevistados apesar de nunca terem sofrido ou visto algum tipo de assalto ou roubo, muitos já citaram que pessoas foram assaltadas dentro do parque e que a insegurança do bairro afeta os usuários do parque.

Quadro 1: Grau de satisfação

NOTA DA AVALIAÇÃO	Precisa melhorar	Regular	Bom	Muito Bom
Como você avaliar a qualidade das vias de acesso ao parque?	25	14	20	2
Como você classifica a qualidade do ambiente do parque?	11	14	31	5
Quanto à poluição da lagoa ?	47	12	2	0
Quanto à arborização ?	8	9	34	10
Quanto à sinalização de atividades oferecidas ?	39	11	10	1
Quanto à infraestrutura das calçadas ?	23	25	13	0
Quanto à segurança dentro do parque?	30	18	13	0
Quanto à segurança nos arredores do parque?	37	18	6	0
Quanto à infraestrutura sanitária ?	18	27	16	0
Quanto à oferta de alimentação ?	59	2	0	0

Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Com relação ao grau de satisfação, elaborado com base nas respostas dos questionários aplicados com 61 usuários, declararam que **precisar melhorar**:

- i) oferta de alimentação;
- ii) poluição da lagoa;
- iii) sinalização das atividades oferecidas;
- iv) segurança nos arredores;
- v) segurança no parque;
- vi) vias de acesso;
- vii) infraestrutura das calçadas;
- viii) infraestrutura sanitária;
- ix) qualidade do ambiente
- x) arborização.

Segundo os dados, os banheiros e as calçadas do parque apresentam uma estrutura regular mais que podem ser melhoradas com a manutenção adequada.

O quadro 1 ainda mostra que a qualidade do ambiente e sua arborização são visto como pontos positivos pela maioria dos usuários, no entanto, alguns apontam que podem melhorar.

Uma parte dos entrevistados apresentou moderado grau de insatisfação com diversas partes da infraestrutura que não existem ou que carecem de manutenção, porém ainda qualificam a qualidade do ambiente como boa devido a tranquilidade e ambiente singular, mesmo que a segurança tenha que ser implementada ou seja precise ser mais efetiva tanto nos arredores do parque com dentro do próprio espaço.

Algumas perguntas: algumas perguntas feitas através dos questionários, não foram respondidas com segurança pelos usuários.

Tempo permanência: foi apontado pela maioria um tempo estimado entre 1 a 2 horas. No entanto tiveram dificuldades de apontar a resposta, pois não ocorre grande permanência em algumas ocasiões.

Que atividades realizam? Muitos tendem a variar as atividades que realizam na maioria apontaram que fazem caminhadas ou algum tipo de exercício, mas que em algumas semanas optam apenas pelo ócio em família ou não comparecem ao parque. Alguns buscam fazer as atividades oferecidas por professores ao livre.

Com que frequência visitam o parque? Muitos indicaram incerteza, mas a maioria dos entrevistados apontou que visitam pelo menos 2 vezes por semana o parque.

Quais dias costumam visitar o parque? Segundo a grande parte dos usuários não há dias específicos para visitação, porém alguns mencionaram que visitam o parque principalmente nos dias de segunda, quarta, quinta e às vezes as sextas-feiras em busca de exercício ao ar livres fornecidos com acompanhamento de professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, pode-se verificar que a demanda do parque em geral é jovem com média 36 anos de idade. Quanto ao grau de instrução, no universo da amostra, 25% possui ensino superior ou pós-graduação, enquanto quase 67% possuem o ensino médio completo. Do total de 61 questionários respondidos, a soma das rendas acima de R\$ 1.000,00, compreende 75% dos usuários.

Do total da amostra, 70% dos entrevistados, declararam morar nas proximidades do parque, no bairro Japiim, por isso tendem a ir a pé de seus locais de moradia, e geralmente levam a família ou amigos.

Os usuários do parque têm o hábito de visitar o parque com periodicidade no geral a partir de duas vezes por semana, e o público se intensifica nos dias que há atividade oferecida ao ar livre com acompanhamento do professor.

Apesar de o público estabelecer relação de uso frequente com parque, não se percebe nenhum sentimento afetivo vindo desta interação, se inserindo na paisagem apenas, como um agente-observador que visita e utiliza o ambiente para a prática de esportes ou outras atividades, não estabelecendo nenhum laço afetivo com o ambiente.

Em relação ao parque, ainda nas categorias propostas por Boullón (2002) de como entender o ambiente urbano, ele se insere como um tipo de logradouro, um local aberto de uso público, sendo limitado por horário de funcionamento. Possui como elemento de atratividade a lagoa que, segundo as categorias do autor, se insere como uma forma nítida na paisagem, ou seja, a forma que se destaca. Mas apesar de ser o elemento principal da paisagem, e permanecer poluída, não foi o principal item dos citados como “precisa melhor” no quadro referente ao grau de satisfação, justamente, pelo fato de não manterem com o local uma percepção sobre o ambiente natural e sim, enquanto ambiente com infraestrutura para as atividades esportivas ou outras eventuais.

Quanto aos aspectos do espaço natural, ainda na perspectiva de Boullón (2002), o parque se caracteriza pela unidade da lagoa, apesar desta, ser artificial. Quanto a diversidade da qual fala o autor, pode-se considerar os resquícios da vegetação nativa, haviam muitas seringueiras no lugar mas, a falta de manutenção

tem as derrubado no lago. Em síntese, o parque se caracteriza como uma área verde, cujas estruturas urbanas, como a sede administrativa entre outros edifícios existentes, como o Centro de Referência e o Atendimento Social se sobrepõem sobre as formas naturais, o anulam enquanto espaço natural.

Outro fator importante sinalizado pelos usuários, diz respeito as modificações ao longo do ano devida a mudanças climáticas, representadas por temperaturas maiores ou menores no decorrer dos horários do dia e do ano.

Cada perspectiva observada, pelo usuário ao entrar em contato a paisagem será diferente, dependendo do ponto de vista e conhecimento que tiver. Essa interpretação individual, por mais que pessoa use do mesmo método, não chegará uma resposta completamente igual, mas apresentarão similaridades as respostas que obtiverem para as perguntas que fizerem.

A partir disso, é possível perceber que o parque urbano Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho assume um papel muito importante no espaço urbano tanto na qualidade ambiental como também na qualidade de vida da população que necessita dessa área verde urbana, seja para lazer, para prática de esportes ou interação com o ambiente. Sendo a interação com o ambiente, um item a ser melhor trabalhado pelos gestores do parque, no sentido de ampliar o sentimento de pertencimento ao lugar, a topofilia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14274**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287**: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BAIRRO do Japiim. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Japiim,+Manaus+-+AM/@-3.1142288,-59.9927836,14z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x926c04d9472fa7a7:0x54296772c658ecac!8m2!3d-3.1127248!4d-59.9768139>>. Acesso em : 02 Jul 2018.

BATISTA, Selma Paula Maciel. **O CONCEITO DE RISCO: O caso do igarapé do MIndu. Manaus/AM, 2018** (em elaboração)

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 12. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2007

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**. 3. ed. São Paulo: Edusc, 2002.

Cálculo Amostral: como calcular o número de indivíduos necessários para uma pesquisa quantitativa. Disponível em: <<http://comentto.com/blog/calculo-amostal-como-calcular-o-numero-de-individuos-necessarios-para-uma-pesquisa-quantitativa/>>. Acesso em: 15 Jul 2018.

BRAGA, Débora Cordeiro. **Planejamento Turístico**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007

FACHINI, Margarida Peres. **Espaços verdes urbanos: importância na dinâmica da cidade**. Maringá, São Paulo, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 10. Jun.2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003

LAKATOS, Eva Maria. e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

Legislação Municipal de Manaus. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a2/am/m/manaus/lei-ordinaria/2015/202/2017/lei-ordinaria-n-2017-2015-denomina-de-parque-lagoa-senador-arthur-virgilio-filho-o-logradouro-publico-lagoa-do-japiim-na-zona-sul-bairro-japiim-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 Mai 2018.

Manaus (2012) **DECRETO N° 1.502**, DE 27 DE MARÇO DE 2012

MANAUS (2002). **Resolução 002/2002** “Cria no âmbito do Órgão Municipal de Meio Ambiente o Regulamento de Uso das Unidades de Conservação Municipais.” Publicada no Diário Oficial do Município N° 620 de 21/10/2002.

Parque Lagoa do Japiim. Disponível em: <http://semmas.manaus.am.gov.br/parques-e-pracas//>>. Acesso em: 03 Mai 2017

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Yi-fu Tuan: Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UEA, **Relatório Diagnóstico do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho**, (Curso de Turismo) Manaus: AM, 2016.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTE E TURISMO
CURSO DE TURISMO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE LAGOA SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO FILHO SOBRE A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO E DO GESTOR, MANAUS- AM ” e suas interfaces com o Turismo na cidade de Manaus-Am, realizada pelo aluno de turismo Gabriel-Rá Félix Sousa sob orientação da professora Dra.Selma Paula Batista Maciel, e tem como objetivos:

1. Analisar as percepções do usuário do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho, de modo a apreender as suas contribuições para o fortalecimento do turismo cidade de Manaus,

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada respondendo um questionário.

2. BENEFÍCIOS:

Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da percepção do usuário e utilização do espaço público que o parque compreende. Os resultados serão disponibilizados para a Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade.

3. CONFIDENCIALIDADE:

Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa.

8. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: Se o (a) Senhor(a) estiver de acordo em participar deverá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

APÊNDICE B - Questionário

Questionário para Usuário do Parque Lagoa Senador Arthur Virgílio Filho

Qual sua idade?

Origem: Bairro, cidade, País.

Profissão:

Renda Familiar Média	x
Menos R\$ 1000	
De R\$1000 a R\$3000	
De R\$1000 a R\$3000	
De R\$3000 a R\$5000	
De R\$5000 a R\$7000	

Escolaridade	X
Ensino fundamental	
Ensino médio	
Ensino superior	
Pós-graduação	

Meio de transporte utilizado para chegar ao parque?	x
Transporte público	
Carro particular	
Uber	
Táxi	
Bicicleta	
A pé – Caminhando	

Por qual motivo você visita ou frequenta o parque?

Você é usuário assíduo?	<input checked="" type="checkbox"/>	Com quem visita o parque?	<input checked="" type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>	Sozinho	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>	Família	<input type="checkbox"/>
Primeira vez	<input type="checkbox"/>	Amigos	<input type="checkbox"/>
		Outros	<input type="checkbox"/>

Quais dias você visita o parque?	<input checked="" type="checkbox"/>
Segunda-feira	<input type="checkbox"/>
Terça-feira	<input type="checkbox"/>
Quarta-feira	<input type="checkbox"/>
Quinta-feira	<input type="checkbox"/>
Sexta-feira	<input type="checkbox"/>
Sábado	<input type="checkbox"/>
Domingo	<input type="checkbox"/>

Tempo de permanência	<input checked="" type="checkbox"/>
Menos de 1 hora	<input type="checkbox"/>
DE 1 a 2 horas	<input type="checkbox"/>
Acima de 2 horas	<input type="checkbox"/>

Que atividades realiza?	<input checked="" type="checkbox"/>
Atividades programadas - Qual?	<input type="checkbox"/>
Caminhar	<input type="checkbox"/>
Utilizar o wi-fi	<input type="checkbox"/>
Outras- Qual?	<input type="checkbox"/>
Com que frequência visita o parque?	<input checked="" type="checkbox"/>
1 vez por semana	<input type="checkbox"/>
2 vezes por semana	<input type="checkbox"/>
3 vezes por semana	<input type="checkbox"/>
4 vezes ou mais por semana	<input type="checkbox"/>

Nota de Avaliação	Precisa melhorar	Regular	Bom	Muito Bom
Como você avalia a qualidade das vias de acesso ao parque?				
Como você classifica a qualidade do ambiente do parque?				
Quanto à poluição da lagoa?				
Quanto à arborização?				
Quanto à sinalização de atividades oferecidas?				
Quanto a infraestrutura de calçamento do parque?				
Quanto à infraestrutura de segurança dentro do parque?				
Quanto à infraestrutura de segurança nos arredores do parque?				
Quanto à infraestrutura sanitária?				
Quanto à oferta de serviços de alimentação?				

Como você conheceu o parque?	X
Internet	
Jornal	
Família	
Amigos	
Outros	

Há algo que poderia tornar essa área mais atrativa?

O que mais te desagrada aqui?

Você gostaria de ver essa área utilizada para algumas outras atividades, quais?

A presença de outros grupos influi de alguma forma sobre você?

APÊNDICE C – Fotos da infraestrutura do Parque

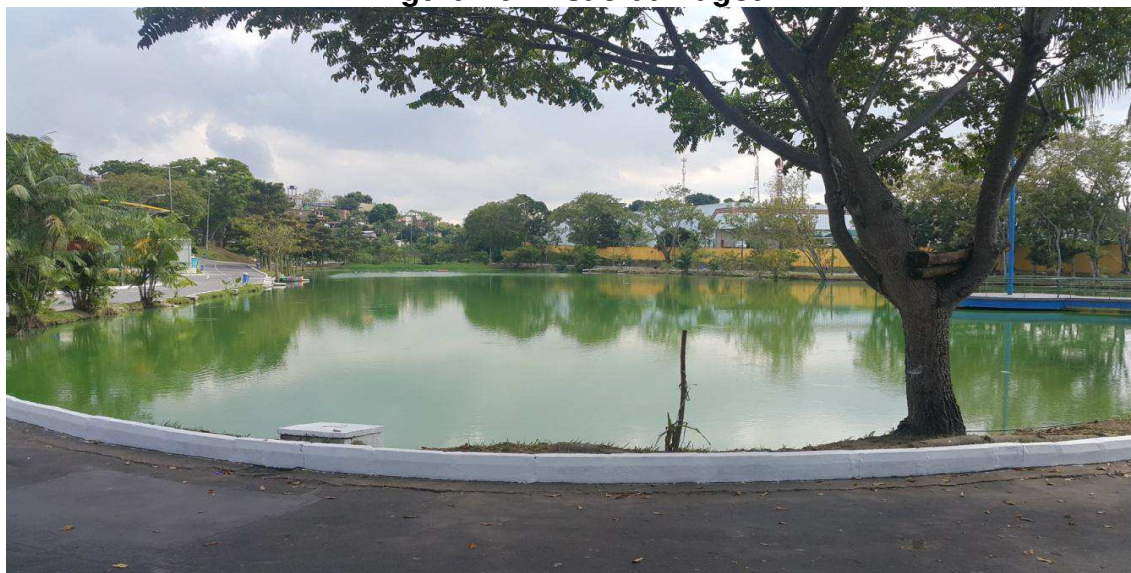
Figura 9: Fauna da Lagoa



Fonte: Relatório Diagnóstico (UEA, 2016)

Autoria: Francine Vieira de Oliveira

Figura 10: Visão da Lagoa



Fonte: Relatório Diagnóstico (UEA, 2016).

Autoria: Francine Vieira de Oliveira

Figura 11: Água da Lagoa corroendo o infraestrutura do parque



Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Figura 12: Borda que limita a área da lagoa



Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Figura 13: Lixo na área do estacionamento



Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa

Figura 14: Centro de Referência em Assistência Social (Cras)



Fonte: Trabalho de Campo 22 de maio a 2 de junho, 2018.

Organização: Gabriel-Rá Félix Sousa